

Donas de casa

A caminho das fábricas

A Associação das Donas de Casa, de São Paulo, o mais antigo grupo de mulheres do Brasil, nasceu em 1963 com cerca de 7 mulheres que se reuniam para discutir os problemas do bairro, e hoje reúne cerca de 600 mulheres com muitas reivindicações já conquistadas. Aparecida Pedra Kopctock da diretoria da Associação, fala ao EM TEMPO.



— Como nasceu a Associação das Donas de Casa?

— A Associação começou a partir de um grupo de homens e mulheres que participavam da Ação Católica Operária (ACO), só que nessas reuniões discutia-se principalmente a questão operária, e como muitas das mulheres não trabalhavam fora, começaram a sentir a necessidade de se reunirem para discutir os problemas do bairro. Assim nasceu a Associação em 1963.

— Quantas pessoas participavam nessa época?

— Mais ou menos 7 pessoas. Eram os moradores de uma vila em Sto. André, e o pessoal mais ligado à Igreja.

Hoje a maioria das donas de casa trabalha fora e a linha da associação está começando a se voltar mais para a mulher trabalhadora. A mulher vai para a fábrica por necessidade econômica.

— Atualmente quantas pessoas fazem parte da Associação?

— É difícil dizer, mas está entre 500 e 600 pessoas, divididas em 5 setores: Iguatemi, Sto. André, Mauá, Burgo Paulista e Guaianazes, com cerca de 4 equipes em cada setor.

— Como é que o grupo conseguiu se expandir tanto?

— Porque quando a Associação nasceu nós estávamos com problemas de Escola, e a Associação conseguiu uma escola no Bairro. a partir daí o grupo começou a crescer. O fato é que a gente sempre age dentro da legalidade: faz abaixo-assinado, vai na Prefeitura, protocola, e toda semana vai lá ver como é que está, até eles atenderem. Desta forma conseguimos Postos de Saúde, Postos de Puericultura, Luz, cobertura de ponto de Ônibus, asfalto, etc.

— E hoje quais são as reivindicações?

— Continuam sendo as ligadas ao bairro, principalmente melhorias do funcionamento das escolas e postos de saúde. Estamos lutando por creches e por água, só que agora lutamos junto com o movimento de bairro do Iguatemi.

— O que significou para a Associação o 1º e 2º Congresso da Mulher Paulista?

— No primeiro Congresso a Associação já existia há 16 anos, mas nessa época a Associação não gostava muito de trabalhar com outras pessoas, se isolava um pouco. Quando eu entrei na diretoria tentei aproximar a Associação com outros grupos, principalmente o Nós Mulheres e a partir de 1976 o Brasil Mulher. Em 1975 a gente já tinha feito o 1º Congresso das Donas de Casa, que reuniu cerca de 120 mulheres, que ficaram 3 dias num colégio em Sto. André discutindo seus problemas. Em 1977 e 1978 a gente só reunia todo mundo para comemorar o Dia Internacional da Mulher. De qualquer forma o 1º Congresso da Mulher, em 1979, foi importante pela aproximação com os grupos feministas, que eram tidos como bichos de 7 cabeças. O pessoal gostou muito do 1º Congresso porque os temas eram temas que a Associação já vinha desenvol-

vendo: o trabalho doméstico, e por isso o pessoal se sentiu muito a vontade.

O 2º Congresso, apesar da participação de 4.000 mulheres, não teve tantos avanços quanto o primeiro. O pessoal se desiluiu de fazer congressos na cidade, estamos agora querendo fazer congressos regionais.

— Como é que você vê essa proliferação de grupos feministas? Dá pra trabalhar em conjunto com eles?

— Quando surgiu o Nós Mulheres a gente a fazer o jornal, fez entrevistas, conversou, a gente pensou como deveria ser o jornal.

Trabalhar fora é bom para a mulher porque ela se desenvolve mais e pode acabar com a dependência econômica do marido. Mas ela se torna explorada duas vezes: em casa e no trabalho.

O Brasil Mulher também, mas depois do 1º Congresso eu não sei se o pessoal começou a caminhar com as próprias pernas não precisava mais do pessoal da periferia, deixando a gente um pouco de lado. A verdade é que depois do 1º Congresso os grupos de mulheres se tornaram públicos e mais respeitados. O ruim é que os jornais saíram de circulação. O Brasil Mulher, por exemplo, há quanto tempo não existe mais nada para o pessoal da periferia, com a linguagem deles, e onde eles podem dar palpites, escrever, perguntar, opinar enfim. Agora, eu acho que está tudo muito disperso, parece que cada grupo vê a mulher de uma forma diferente e não existe mais a troca de documentos, e quando existe a linguagem é tão difícil que não dá pra ler.

— Quando se fala em Associação das Donas de Casa a impressão que se tem é que ninguém trabalha fora. É real isso?

— Não. A maioria trabalha fora. Antigamente quase todas as associadas eram só donas-de-casa. A Associação foi fundada com a intenção de dar mais importância à dona de casa, valorizar o trabalho doméstico, e que ela pudesse participar dos movimentos do bairro, já que ela está no bairro o tempo todo enquanto o marido vai trabalhar fora. Mas atualmente mais da metade das associadas trabalha fora, e a linha da Associação está mudando, está mais voltada para a mulher trabalhadora.

Inclusive a gente está querendo formar cursos de profissionalização para a mulher, ajustagem, controle de qualidade, etc.

— As mulheres que trabalham fora têm alguma participação nas entidades de classe, sindicatos, ou grupos profissionais?

— Elas não estão acostumadas a participar do sindicato. Mas fazem trabalho nas fábricas, e nas nossas reuniões já existe um espaço para discutir as relações de trabalho, a chefia, problemas da fábrica. Acho que a tendência é realmente fazer esses grupos na fábrica e ir para o sindicato exigir suas reivindicações. Mas ainda é muito inicial, e é uma coisa nova pra gente.

— Existe uma teoria de que pra mulher emancipada ela tem que trabalhar fora. O que você pensa disso?

— Mulher que trabalha fora trabalha por necessidade econômica. É claro que trabalhar fora é bom para a mulher, ela se desenvolve muito mais e acaba com a dependência econômica. Mas muitas vezes a mulher que trabalha fora é explorada duplamente: no trabalho e em casa. Você pode ser uma mulher emancipada trabalhando só em casa.

O operário é machista mas esse machismo é inconsciente, fruto da educação. Nas outras classes o machismo é consciente. É muito mais sutil por que é enrustido.

— E com relação a linha política ou linhas políticas dentro do grupo?

— Acho que a Associação conseguiu sobreviver até hoje devido a homogeneidade de linha política. É um pessoal de bairro e de igreja sem linha política partidária definida. Nesse único partido é a libertação do povo, da justiça e da igualdade. É a partir daí que a gente trabalha. Quando surgiu esses partidos todos a gente chegou a pensar no PT, mas depois a gente chegou a conclusão que é outro partido feito de cima pra baixo. No momento estamos discutindo todos os partidos que existem atualmente: PT, PMDB, PC etc. porque se alguém quiser optar por algum deles opta consciente.

— Além da questão partidária vocês discutem alguma outra questão política?

— Atualmente estamos estudando como o trabalho doméstico é ligado

diretamente à produção, ao sistema capitalista, qual o papel da mulher, a mulher é uma mão-de-obra de reserva que trabalha de graça para o patrão, etc.

— Como é que vocês vêem a questão da legalização ou não do aborto?

— O aborto é um problema porque como o pessoal está muito ligado à Igreja isso quase não se discute, embora muitas já tenham feito. No entanto sentimos a necessidade de discutir muito o assunto e se aprofundar mais para podermos tirar uma posição.

Entre as mulheres de periferia existe muito o conflito entre a santa e a puta. É difícil ela falar de sexo, mas quando começa, não para mais.

— E a libertação da mulher como é que vocês vêem?

— Existe um certo medo da mulher da periferia de fazer tudo. Pagar a conta de luz, sair de casa, etc.. E nós temos que mostrar a mulher que ela é capaz de fazer essas mínimas coisas, que ela não precisa depender do marido pra tudo. Que ela é gente, que ela sabe andar, que ela sabe agir, que sabe pensar, que o trabalho dela é importante, embora não esteja ligado diretamente à produção, mas que ela contribui para que o marido vá trabalhar. É dessa forma que a gente discute a libertação da mulher.

— Dizem que na classe operária o machismo é muito maior que nas outras classes. É verdade isso?

— O operário é machista, mas esse machismo é inconsciente é fruto da educação. E nas outras classes o machismo é consciente, é muito mais sutil, porque é enrustido. Por isso talvez seja mais fácil trabalhar o machismo na classe operária.

— E a questão da sexualidade. A mulher da periferia já fala de sua sexualidade?

— É difícil ela falar de sexo, mas quando começa não para mais. Ela tem muito preconceito porque não conhece as funções de seu corpo. A maioria reclama que é fria. Mas quando você vai ver ela dorme com 4, 5 filhos no mesmo quarto, e até na mesma cama. Assim você só poderia ser é fria mesmo. Existem também a ideia de que se mulher faz muito carinho no homem ela não presta. Mesmo que ela tenha vontade de ter uma relação sexual ela não procura e se ela não tem vontade ela cede porque ele quer. Existe muito o conflito entre a santa e a puta. E a Associação tem procurado ajudar conversando sobre sexualidade com essas mulheres e estimulando que elas conversem sobre isso com seus maridos.

— Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

— Gostaríamos de contribuir para acabar de uma vez por todas com a imagem de que grupos de mulheres dividem a luta geral dos trabalhadores. Não é verdade. Na greve do ABC estávamos lá, participando como podíamos, trabalhando no fundo de greve, dando todo apoio aos nossos maridos para continuarem firmes. O dever da dona de casa é de participar com todos os trabalhadores nas suas lutas.



As mães reuniram-se defronte o Lar Escola.

F/SP: 9/7/80 p: 13

Mães protestam contra férias no Lar Escola

Aproximadamente trinta mães tentaram inutilmente, ontem cedo, falar com a diretoria do Lar Escola São Francisco, para saber da situação de seus filhos após a recente demissão de 45 terapeutas da instituição. O Lar Escola deu férias para as crianças desde o dia 1.º e as mães temem que o estado de saúde dos filhos sofra regressão com a interrupção, a primeira que ocorre em muitos anos.

Além de não receber os pais, a diretoria do Lar Escola não atendeu também o deputado João Carlos Breda, presidente da Comissão de Saúde da Assembleia. A revolta dos pais aumentou quando chegou uma viatura policial, chamada pela direção da instituição.

Mais tarde, a direção do Lar Escola negou todas as acusações que vêm sendo feitas pelas terapeutas demitidas e que culminaram com a tumultuada reunião de protesto ontem cedo, na porta da entidade. A reunião só foi tumultuada, segundo uma das diretoras, Clélia Teixeira, porque pais de deficientes físicos, "aliciados pelas terapeutas demitidas", ficaram desesperados porque pensavam que o Lar Escola fecharia as portas. "E como não havia, de manhã, ninguém da diretoria para prestar esclarecimentos, a situação ficou delicada", explicou.

Após qualificar de "levianas e inconscientes" as acusações feitas pelas terapeutas, Clélia Teixeira esclareceu que, "no dia 4 de agosto, o Lar Escola São Francisco reabre após as férias e vai continuar recebendo as pessoas que sempre recebeu. É possível que o atendimento seja até melhor do que vinha sendo feito até agora".

NÃO PREJUDICA

Segundo Clélia Teixeira, a demissão das terapeutas ocorreu em época coincidente com as férias normais da entidade, "o que não prejudica o andamento dos trabalhos". Ao contrário do que pretendem mostrar as demitidas, garante a diretora, "um mês de paralisação não prejudica de forma alguma o processo de reabilitação dos deficientes. Além disso, os pais estão orientados para prosseguir o tratamento em casa".

Garantiu também que a Polícia não foi chamada por ninguém da instituição.

Dirce Kato, que há dez anos leva o filho ao Lar Escola, disse ontem que a chegada da polícia foi um absurdo, "porque aqui está apenas um grupo de mulheres reivindicando continuidade do tratamento de seus filhos, que estão sendo bastante prejudicados com as últimas medidas da direção da instituição". Ela contou que "em todos esses anos, jamais o Lar Escola deu férias coletivas às crianças, pois sabe dos riscos que isso implica. Aliás, era até muito difícil conseguirmos uma licença para nossas crianças e, quando isso ocorria, elas eram devidamente examinadas e nós, mães, recebíamos minuciosas orientações sobre o tratamento que deveríamos dispensar durante a licença".

Outras mães queixaram-se, ontem cedo, de que está havendo uma queda na qualidade do atendimento do Lar Escola desde dezembro, quando houve mudanças na administração. Elas disseram também que os problemas se agravaram a partir de maio, quando 13 terapeutas muito experientes, todas com mais de seis anos de serviço, foram demitidas. As demais terapeutas foram demitidas em 30 de junho e, segundo as mães, naquele dia foram informadas das férias coletivas. Acrescentaram que a diretoria prometeu que o problema da falta de pessoal seria solucionado em 15 dias.

FUNCIONANDO

A diretora do Lar Escola, Clélia Teixeira, entretanto, explicou que a demissão da quase totalidade do corpo de terapeutas — classificada pelas demitidas como decorrente do fato delas estarem defendendo o interesse dos pacientes — deveu-se a "atitudes que foram de indisciplina até a insubordinação, e atos contra a boa fama e prestígio da instituição".

Clélia Teixeira garantiu que o atendimento estará normalizado quando terminarem as férias e acrescentou que o serviço de emergência continua funcionando. "Nosso atendimento médico e dentário funciona normalmente, assim como a assistência social, a enfermaria e a oficina ortopédica."

ATO PÚBLICO

Antes de se retirarem, após mais de duas horas de espera, as mães confirmaram uma reunião para hoje, às 20 horas, na rua Borges Lagoa, 418, para debater o problema. Elas pretendem realizar, ainda, ato público na praça da Sé, no próximo dia 21, quando a situação do Lar Escola e de outras instituições congêneres será denunciada.

10/7/80
**LBA propõe ^{total} implantação
de creches ^f em escolas**

Para ampliar imediatamente o atendimento social à população pré-escolar do País, hoje em torno de 20 milhões de crianças, em palestra apresentada ontem no Congresso Brasileiro de Educação Pré-Escolar que se realiza em Brasília, a presidente da LBA, Léa Leal, propôs o aproveitamento das áreas disponíveis das escolas estaduais e municipais de 1.º grau para implantação de creches simples e baratas.

Trata-se — disse — do Projeto Fundo-de-Escola, através do qual seria atribuída uma função comunitária às escolas que assim viriam a assistir os pré-escolares das comunidades. Nessas creches, além de cuidados médicos e odontológicos, a alimentação seria fornecida pela LBA, pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição e pela Campanha Nacional de Alimentação escolar.

O assistencialismo da prática social do menor em questão

“Constatamos que muita da nossa prática social é assistencialista e é necessário modificar nossa atuação em relação aos menores carentes. Precisamos realizar não um trabalho para os menores, mas com os menores.” Esta é uma das principais conclusões do Seminário Ecumênico sobre os Problemas dos Menores Carentes e Marginalizados e a Participação das Igrejas na sua Solução, realizado de 20 a 26 de junho último, em São Paulo.

O encontro tinha por objetivos, analisar a problemática do menor no Brasil e em outros países da América Latina, à luz do seu contexto sócio-econômico, político e cultural, e encontrar formas dinâmicas de participação das Igrejas Ecumênica de Serviços (CESE), com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas, contou com a participação de cerca de 64 pessoas, 50 brasileiros e 14 estrangeiros vindos do México, Costa Rica, Colômbia, Peru, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai, além de Ulrich Becker, diretor da Subunidade Educação do Conselho Mundial de Igrejas.

O Seminário caracterizou-se pela sua metodologia de trabalho que proporcionou não apenas uma participação nacional, a nível teórico, mas também a revisão das relações entre pessoas, seus sentimentos e emoções, o que levou cada participante a questionar sua própria atuação no trato com os menores.

“O resultado foi muito bom — conta Tomiko Born, coordenadora do encontro — Não queríamos os esquemas tradicionais, onde um grupo de debatedores despejam uma série de temas a um público passivo, mas um trabalho que levasse ao compromisso, à sensibilização do participante à mudanças, ou pelo menos, ao questionamento de sua prática social.”

Um dos recursos utilizados por Tomiko para essa sensibilização surtiu bastante efeito. Foi a projeção, em sessão especial, do filme “Pixote, a lei do mais fraco”, realização de Hector Babenco que trata dos menores delinquentes, os trombadinhas. Considerado por Tomiko como um dos pontos altos do encontro, o filme causou impacto pela crueza com que o tema é abordado, direto, sem recursos apelativos.

A visão assistencialista da prática social foi um dos pontos que despertou muita polêmica. Perguntou-se se a prática assistencialista não estaria colaborando para se perpetuar a situação deploável do menor marginalizado. Sem desmerecer o atendimento às necessidades imediatas, de urgência, a cada menor, a cada família enfatizou-se a importância de se examinar o problema dentro de um ponto de vista estrutural.

“Pelo fato do Seminário ter exigido um com-

promisso, um compromisso mais emocional dos participantes — reflete Tomiko — o que mais apareceu nas reuniões, foi a sensação de angústia. Sentimos angústia ao tomarmos consciência dos problemas estruturais e constatar como nosso trabalho está sendo tão pouco libertador.”

A assistência social considera, contudo, que essa angústia foi produtiva, impulsionadora para a busca de transformações. “O próprio seminário — concluiu — em si, já foi um trabalho de grupo, pois não permaneceu somente a nível da razão, do discurso, mas buscou o caminho das emoções, das relações humanas.”

O Seminário abrangeu os seguintes temas: A situação do menor, face ao menor; O menor carente e o menor marginalizado, as condições de vida da criança brasileira; Prática social: o assistencialismo posto em questão; A instituição, o agente e os assistidos; Reflexão sobre a prática social; Avaliação como prática social.

ASSISTENCIALISMO

Ao reconhecer que a prática social desenvolvida pelas organizações ligadas a igrejas caracteriza-se pelo assistencialismo, os participantes do Seminário Ecumênico ressaltaram a necessidade de se valorizar as tentativas de práticas transformadoras. Dessa maneira, a prática social de constante transformação deve ser encarada como participante de um processo recíproco de educação entre ambos os protagonistas (o assistente e o assistido). Da mesma forma, as relações inter-institucionais que prejudicam a criança devem ser transformadas.

Ao situar a problemática do menor da América Latina dentro de uma realidade sócio, e econômica, política e cultural, o Seminário denunciou a ideologia do consumo da nossa sociedade que “é violenta em si mesma, produz a miséria, gera a realidade da criança carente e abandona encaminhando-a à marginalidade.”

Finalizando, a coordenadora ressaltou a proposta que visa a criação de condições para intercâmbio entre os vários organismos interessados no problema do menor carente e marginalizado, aproveitando as estruturas das organizações já existentes. Outra intenção é organizar mais encontros para discutir pontos importantes com a pedagogia, buscando-se, mesmo dentro das instituições, oportunidades para a transformação das relações existentes e criar outras que sejam realmente libertárias.

(Telco Toma)

Desemprego subemprego e as crianças

BRASÍLIA (Sucursal) -
prego e o subemprego crônico em al-
gumas regiões do País, bem como os
níveis de desemprego de 7 a 8%, cul-
culados para o Rio e São Paulo, são
responsáveis pelo proble-
cas carentes, que está
relacionado com a situação
de suas famílias. A modi-
realidade está na geração
pregos e na melhoria dos s.

Esta foi uma das conclusões
chegaram os participan-
painel sobre "As perspecti-
vamento integrado à criança no Bra-
sil", realizado ontem, durante o 4.º
Congresso Brasileiro de Educação
Pré-Escolar. Participaram do painel
representantes de todos os ministérios
da área social, sob a coordenação de
Divonzir Gusso, do Centro Nacional de
Recursos Humanos, da Seplan.

Dados fornecidos durante o encontro
indicam que, o País necessita da
criação de um milhão e duzentos mil
novos empregos por ano; que a po-
pulação de vinte milhões de pré-
escolares é constituída por uma maioria
de crianças provenientes de famílias
de baixa renda; e que, aproximada-
mente, 30% das famílias brasileiras
têm uma renda mensal de até um
salário mínimo.

Marilana Raposo, da Secretaria de
Promoção Social do Ministério do
Trabalho, defendeu a criação de uma
rede nacional de creches para possi-
bilitar a incorporação da mulher pelo
mercado de trabalho, "no qual re-
presenta atualmente uma porcenta-
gem de apenas 30%". Ao revelar a
realização de estudos, por parte do
Ministério do Trabalho, objetivando
subsidiar a instituição de uma política
nacional de creches, acentuou que es-
tes estudos ainda se encontram em
fase embrionária.

Na opinião de Marilana Raposo, a im-
plantação de creches, além de liberar
a mulher para o trabalho, possibilita a
criação de muitos empregos, uma vez
que o cuidado das crianças não requer
necessariamente pessoal especiali-
zado.

"Se a mulher trabalha — frisou — a
renda da família melhora, o que vai se
refletir na assistência e educação dos
filhos."

Ao afirmar que um dos objetivos do
Ministério do Trabalho é rever a CLT
no que diz respeito à exigência de que
apenas empresas com mais de trinta
empregadas mantenham lugares onde
as mulheres possam amamentar seus
filhos, salientou a falta de infra-es-
trutura para a fiscalização do cum-
primento deste dispositivo, observando
ainda que a multa para os infratores
está muito desatualizada pois "é mais
econômico para a empresa pagar a
multa do que cumprir a Legislação".

O consenso obtido entre os partici-
pantes do painel, de que deve haver
uma integração de esforços entre os
diversos órgãos governamentais envol-
vidos na assistência ao pré-escolar e de
que o problema só será resolvido com a
participação comunitária, foi contes-
tado por participantes do congresso.

Flávio Gikovate em entrevista exclusiva:

“O sexo hoje é o novo ópio do povo”

Por Beth Lobo e Maria Teresa Verardo

Flavio Gikovate talvez seja o psicoterapeuta mais conhecido do país. Mas não exatamente pela clínica — onde defende idéias nada ortodoxas como a de que o inconsciente não existe. Sua fama provém antes de sua atividade como articulista em revistas de grande circulação do gênero Claudia, Status, Nova, e do seu tema privilegiado: a sexualidade.

Enquanto escritor, tem ainda inúmeros livros publicados — sempre dirigidos ao grande público — alguns com títulos ilustrativos (“Você é feliz?”). Para muitos o seu método consiste apenas em radicalizar o senso comum e daí sua aceitação junto a esse público.

Mas a opressão sexual é a mais antiga experiência das mulheres. Velada e disfarçada ela atravessa culturas, teorias e ideologias sempre assumindo novas formas. Desvendá-la e denunciá-la faz parte do nosso cotidiano. Gikovate, evidentemente, não concorda com isso. E por isso mesmo fomos entrevistá-lo.

- Você diz em seus livros que existe uma diferença biológica sexual entre homens e mulheres. Você pode explicar isto?

- Existe uma superioridade biológica da mulher no plano sexual, no sentido de que ela, fisicamente, e exclusivamente do ponto de vista sexual, é capaz de despertar desejo no homem. O homem, é capaz de se excitar visualmente e rapidamente só com a antevisão do corpo da mulher. O homem tem um desejo sexual ativo e fundamentalmente intermediado pela visão. Ou seja, isto eu entendo como sendo uma diferença biológica e não cultural. A fotografia do homem nu não dá tesão na mulher como dá a fotografia da mulher nua no homem mesmo educado, culto, sofisticado. Todas as revistas feministas americanas de dez anos atrás fizeram cópias do *Play Boy*, *Play Girl* e *Viva* e foram um fracasso.

- Mas esta é uma diferença biológica?

- E. Um menino de 14 anos quando se masturba, com enorme frequência usa a foto como estímulo. Já a menina, nunca faz isto. Ela usa a imaginação, a fantasia. E qual é a fantasia da menina, antes da grande produção da cultura? E que ela está passando, os mocinhos estão olhando, estão mexendo com ela. Ela está despertando no rapaz um desejo irresistível de tal maneira que ele vem e avança até mesmo contra a vontade dela. Ou seja, a excitação da menina surge e cresce na medida em que ela se vê objeto do desejo, desejada. A mulher se excita ao se perceber desejada e não desejando ativamente. Hoje, quando as mulheres dizem que o homem é um tesão, isto em geral é uma coisa que elas estão falando meio da boca para fora, elas não estão sentindo a mesma coisa embaixo do umbigo que os homens sentem quando usam a mesma expressão. É uma expressão copiada do homem.



“A fotografia do homem nu não dá tesão na mulher”

- Mas as mulheres bonitas não despertam mais o interesse dos homens?

- Sem dúvida.

- Então não é cultural?

- Olha se fosse só cultural a vaidade não seria tão cultivada pelas próprias mulheres que acham isso absurdo. A vaidade física nas mulheres é sempre maior do que no homem, não é? Aliás, no homem não é que exista por gosto. É

porque não adianta. Não dá o resultado desejado. Se desse, não tenha dúvida, as maquiagens e os cremes masculinos teriam a mesma saída que os das mulheres.

- Concluindo, existe uma diferença no erótico. Para mulher é o se sentir desejada, e para o homem é o visual, o desejar.

- Esse aspecto existe também, sem querer exagerar as comparações biológicas com os animais. Vamos pegar o cachorro. A cadela quando está no cio ela não deseja o cachorro, ela não vai atrás do cachorro. Ela solta cheiros que o macho capta e ele vai atrás dela. Aí não é o visual é o olfativo. Eu insisto nisso falando só do ponto de vista do desejo sexual. Evidente que na medida em que a mulher conhece o homem, conversa com ele, conhece o dentro a cabeça dele, o modo como ele é, como ele pensa, etc, pode surgir imediatamente um encantamento.

As pessoas descobriram, por exemplo, o sexo oral depois da invenção da pílula anti-concepcional. Eu acho isso fantástico. Ou seja, depois que não precisa mais descobrir o sexo oral porque não havia mais o perigo de engravidar, porque as pessoas podiam usar outros recursos contra a gravidez, descobriram que a penetração vaginal e a ejaculação vaginal não é uma coisa tão importante porque existe muito divertimento sexual sem isso. Eu fico sempre me perguntando, porque não descobriram isso no século XVIII ou XIX?

- Sexo e amor são igualmente desvinculados para o homem e para a mulher?

- Aí sim é uma resposta cultural. O condicionamento cultural é no sentido de associar sexo e amor na formação da menina e dissociar sexo e amor na formação do menino. Aí já é vinculação de sexo e amor. Então é evidente que é muito mais fácil ao homem, por razões de aprendizado, ter uma experiência sexual sem significação outra que só sexual. E isto é um componente que pode ser alterado a qualquer momento porque é só cultural. Não acho que é um cultural tão simples porque a mulher aceita muito facilmente, pelo menos aceitou com muita facilidade essa vinculação, cujo intermediário seria, em termos de punição, o temor que as mulheres teriam de uma gravidez não ligada a uma relação sólida, matrimonial.

- Como você vê a diminuição da repressão sexual?

- A impressão que me dá é a seguinte: só se pode pesquisar os prazeres mais livremente depois que caiu a repressão. A repressão desapareceu quando para uma cultura como a nossa, principalmente a cultura americana, passou a ser interessante que o sexo virasse o novo tema de distração e divertimento da população. Uma coisa que já falei há muito tempo atrás, que o sexo como é vivido e pensado hoje é o novo ópio do povo. Ou seja a liberação sexual tem finalidade francamente reacionária e conservadora. Haja visto onde nasceu tudo isso, na Califórnia, que é o Estado politicamente mais conservador dos EUA.

"A mulher se excita ao se perceber: desejada"

- E a liberação sexual no sentido reichiano, é reacionária?

- Francamente não vou responder porque não quero entrar em brigas filosóficas. Em Reich não era, mas a cultura que nós temos tem essa grande habilidade de transformar uma idéia ótima em alguma coisa que acaba servindo aos seus interesses e não aos interesses de quem gerou essa idéia. Tudo é transformado segundo os interesses do poder econômico. E com a liberação sexual se deu a mesma coisa. Eu não sou contra a liberação sexual. Só acho que não é a grande festa que estão fazendo por aí. E não é essa a idéia do Reich também. O Reich numa leitura hoje é um caretão. Ele prega a plenitude sexual do amor. E não todo mundo dar pra todo mundo, que é a pregação nossa. Falando do orgasmo integral que é o orgasmo físico, pleno, em pessoas inteiras, colocadas, e portanto plena vinculação amorosa. E isso continua sendo exatamente a idéia que eu defendendo como sendo a situação máxima de prazer e até de maturidade, mas isso continua tão raro quanto sempre foi, com uma frequência inferior a um por cento.

"O Reich seria um 'caretão' numa leitura atual"

- E quanto ao feminino?

- Uma mistura de coisas boas e ruins. Como toda rebelião um negócio muito radical. O feminismo exige uma igualdade de direitos sociais, sexuais e emancipação da tirania masculina. Vejo muita mistura, muito ressentimento, muito oportunismo. Tudo tão misturado que o aspecto mais positivo se perde.

Agora, que a liberação da mulher é complicada, você não tem dúvida. Porque eu digo no meu livro *"O instinto Sexual"* que o grande pavor do homem é a homossexualidade, donde a preocupação de desempenho, de mostrar competência, etc. Para provar para si e para todo mundo, o tempo todo, que é macho.

E o grande pavor da mulher, é a hipersexualidade, ou seja, a mulher aceita com certa facilidade coisas que reprimam sua sexualidade porque a tendência natural do impulso sexual da mulher seria de uma intensidade muito grande.

A razão biológica, fundamental para isso, foi aquela colocada por Master & Johnson em 1966 de que não existe a saciedade sexual da mulher depois do orgasmo. Não existe, como no homem, um período de desinteresse sexual depois do gozo. O homem depois que goza tem um período de desinteresse variável de dois minutos a 24 horas, dependendo das circunstâncias, e a mulher não. A mulher é imediatamente excitável de novo. Então, teoricamente, ela pode estar continuamente excitada. Não há intervalo de descanso. Se você somar isso ao fato de que a mulher andando na rua, desperta o desejo, e o fato de despertar o desejo a excita também, e ela no exercício mesmo da prática sexual não se sacia nunca, então você imagina a mulher como um animal hipersexualado, como se fosse uma cadela continuamente no cio.

E a própria mulher se apavora com isso. Todas as mulheres que chegaram perto desse limite sabem que estou falando a verdade. A maioria das mulheres não chegou nunca perto desse limite, de sentir toda a plenitude do seu desejo.

E um pânico. E ela sozinha se reprime. Essa é uma tendência da natureza biológica, ligada à ausência de descanso, de desinteresse.

- E qual é a postura do homem diante dessa liberação da mulher?

- O homem está muito assustado, e de certa forma tem razão. Eu já falei que do ponto de vista sexual o sexo frágil é o homem. O homem é muito delicado do ponto de vista sexual, em relação à mulher. Porque ele tem um medo terrível do fracasso. O fracasso do homem é visível, é ostensivo, é humilhante, e principalmente ele esbarra com todos os pavores da homossexualidade. Então o machismo é uma espécie de defesa do homem contra a sua própria fragilidade.

Toda atitude autoritária e tirânica encobre sempre fraquezas. O machismo é a forma mais cabal da fragilidade do homem que tenta resolver sua fragilidade através da dominação da mulher. Na medida em que essa dominação não pode mais se exercer, aparece mais claramente a fragilidade do homem, que é um fato verdadeiro e com o qual ele vai ter de aprender a lidar. Neste momento os homens estão muito atrapalhados com isso. Então o homem se inibe sexualmente diante de uma mulher com muita facilidade. Ela toma grandes iniciativas e ele brocha. Ela é muito exuberante, ele brocha. Ela é muito sensual, ele brocha. O cara para se assustar não precisa muito.

- Quem tem mais problemas sexuais, o homem ou a mulher?

- No início era muito mais frequente a mulher, mas a situação mudou, o número de homens que procuram a clínica aumentou muito.



- O homem teria menos problemas sexuais na homossexualidade?

- Exatamente. O homem deseja e é desejado na mesma base e, nesse sentido a homossexualidade para o homem é incrivelmente mais fácil. Não há nenhum prejuízo em termos de prazer efetivo na situação homossexual, nem masculina, nem feminina. O prazer é absolutamen-

"É mais fácil a aproximação homem/homem do que homem/mulher"

te igual, em termos de excitação sexual, em termos de gratificação amorosa idem, e em termos de inter-relação é incrivelmente mais fácil a aproximação homem/homem do que a aproximação homem/mulher.

Só precisa dizer que em geral os homens homossexuais são os homens mais atraentes, bonitos. Como regra isso não é verdade na homossexualidade feminina. Ao contrário, como regra, tudo tem excesso, então a homossexualidade feminina apareceria como reação a uma frustração por não ter sido desejada.

- É só que um conhecimento maior da sexualidade dos dois não ajudaria muito as relações sexuais?

- Francamente eu acho que não. Não acho que uma questão de formação pudesse resolver. Ao contrário, do modo como está se colocando hoje esse excesso de informação sexual só serve para distrair as pessoas de problemas maiores. O que ajudaria nas relações sexuais é o amor. Para citar Adler, eu acho que está faltando liberdade sim, mas não aí.

Porque hoje se vive uma mentalidade, por que tudo é moda, a própria ciência que é um processo sempre comprometido por uma ideologia vive de modas. A moda hoje é dizer que tudo é cultural, que nós vivemos na era do cultural, mas que os problemas que a gente tem hoje não são culturais. Isso é de uma estupidez, que não dá para acompanhar o raciocínio. Quer dizer: a idéia da diferença era uma idéia cultural, e a idéia da igualdade não é uma idéia cultural, é a verdade. Numa época em que a cultura exerce sobre as pessoas uma influência máxima, porque nunca houve tanta pressão da cultura sobre a cabeça das pessoas como hoje, as pessoas subestimam a importância da pressão da cultura sobre o que elas pensam hoje. Aliás eu sou massacrado simplesmente por pensar diferente daquilo que está na moda. Eu diria que diversas pessoas não suportam a idéia de alguém pensar diferente. O que não deixa de ser um massacre cultural, contra o pensamento original, espontâneo, diferente. Então a cultura existe e influi sobre os seres humanos no passado e hoje também. De modo que não é impossível que o próprio pensamento de hoje seja um pensamento culturalmente condicionado tanto quanto ou mais até que o passado.

I Encontro das Mulheres Fluminenses

A Autonomia Desrespeitada

Entre as poucas propostas aprovadas no I Encontro das Mulheres Fluminenses, estão a campanha contra a carestia e a luta pelas creches, o que é difícil de entender já que existem pelo país várias associações cujo objetivo único é encaminhar estas lutas.

Da Sucursal

Com a participação de mais de 400 mulheres, realizou-se no último fim de semana o I Encontro da Mulher Fluminense, promovido por grupos feministas (Centro da Mulher Brasileira e Sociedade Brasil mulher) e diversas entidades femininas (Departamentos Femininos dos Sindicatos dos Metalúrgicos, Bancários e Jornalistas, Associações das empregadas domésticas e Grupo de Mulheres do Morro Formiga). O encontro abordou os seguintes temas: Mulher, família e sexualidade - Mulher e trabalho - Mulher e participação política e social. Já no primeiro tema apareceu conflito entre os grupos que propunham discussões sobre questões gerais (carstia, escola, menor abandonado) e as que quêriam discutir sobre questões específicas. Num grupo por exemplo, a questão da sexualidade pode ser discutida graças à presença, em grande maioria, de feministas, que fez com que a coordenadora se demitisse.

Sentindo-se perdendo terreno, esses grupos lançaram mão do dirigismo e manipulação nas plenárias, não permitindo a discussão sobre o aborto e autonomia do movimento de mulheres, embora tenha sido tema defendido

não só pelas feministas mas por grupos homossexuais e pelos grupos de mulheres da Ilha do Governador e Volta Redonda. Frente a isso, a Sociedade Brasil-Mulher se retirou da executiva do encontro.

Na plenária final os ânimos já estavam exaltados quando foi lido (apesar das tentativas de impedimento) um documento de denúncia (box). E apesar dos protestos das feministas e do atraso que isso pode significar ao movimento no Rio de Janeiro, as únicas propostas aprovadas foram: Campanha Contra a Carestia e a instituição do dia das Crianças num dia de luta por creches.

Denúncia contra a manipulação

Denunciamos todas as formas de manipulação e autoritarismo ocorridos nesse Congresso no qual, muitas vezes, nos sentimos tolhidas em nossa participação. A mesa, particularmente na

sessão de encerramento, se tornou bastante autoritária, não permitindo a livre e democrática participação de plenário. Comprova-se aqui a reprodução das formas tradicionais de machismo e opressão. Manifestamos nosso inteiro repúdio à utilização desse Congresso como um veículo de propaganda político-partidária, a exemplo, da citação do PMDB, desrespeitando assim a autonomia do movimento de mulheres.

Observa-se uma profunda subestimação pelos problemas específicos da mulher, razão fundamental da necessidade de organização do movimento. Queremos reafirmar que é nossa intenção, através dessa denúncia, contribuir para a unidade do movimento autônomo de mulheres em torno de seus interesses comuns e integrado à luta de toda a sociedade civil contra a opressão e exploração. Assinam: Grupo Feminista do Rio / Somos - mulheres em Atividade - RJ / Grupo de Mulheres da Ilha do Governador / Aue - Alade / mulheres Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro / Sociedade Brasil - Mulher / Grupo de Mulheres de Volta Redonda / Núcleo de mulheres da Convergência Social / e mais 44 assinaturas individuais.

I Encontro das Feministas Paulistas

Feminismo em debate

Durante dois dias as feministas paulistas reúnem-se para discutir a especificidade de sua luta e a unificação de seu movimento.

Nos dias 21 e 22 de junho realizou-se em Valinhos o 1º encontro das feministas paulistas. O encontro teve o objetivo de discutir questões relativas exclusivamente ao feminismo, pois, por inerível que pareça, a grande maioria das mulheres que militam há vários anos no movimento, nunca tinha parado dois dias para discutir essas questões. Cerca de 130 mulheres conversaram sobre: O que é feminismo. Relação do movimento feminista com o movimento de mulheres; especificidade da luta feminista; sexualidade; formas de relacionamento e unificação das lutas feministas entre os vários grupos existentes etc. A plenária final decidiu pela

formação de uma coordenação feminista a nível nacional (já que no encontro havia representantes de Recife, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro) para encaminhamento de lutas conjuntas; pela formação de um grupo com o objetivo de estudar intervenção na política do governo sobre controle da natalidade; necessidade de uma imprensa feminista nacional; e a realização mais frequente de encontros como esse para se ter uma atualidade de discussões que permitam uma intervenção maior na realidade. Este encontro deixou muito clara a necessidade que as mulheres sentem de ter um espaço onde possam discutir suas questões específicas.

Protesto à Figueiredo

*Mais uma vez, o presidente
Figueiredo não consegue conter
seus impulsos e preferências.
Agora compara as m. 'heres
aos cavalos.*

A Sua Excelência Sr. Presidente da República, Gen. João Batista Figueiredo, Sr. Presidente: Em entrevista à imprensa paulista, dia 23 de maio, Vossa Excelência declarou que "cavalo e mulher, só depois de montar — ou casar". As componentes das entidades signatárias, mulheres de várias idades e condições, cumpridoras das leis (ainda que muitas vezes lhes pareçam de duvidosa origem ou justificação), trabalhadoras contribuintes do erário, fornecedoras e disciplinadoras de mão-de-obra para o desenvolvimento e efetivos para a defesa (mesmo que à vezes não seja fácil saber o que se está desenvolvendo e o que se está defendendo neste país), confessam-se surpreendidas por tão insólitas expressões. Podem elas, com boa vontade, admitir que não tenha havido intenção ofensiva; é bem possível que essa associação mental entre cavalo e mulher haja sido inspirada por vivências de estrebaria particularmente gratas. Não lhes cabe, porém, julgar motivações e sim manifestar sua estranheza: seja qual for o *animus*, a expressão é injuriosa. Num momento em que se cogita de cassar o mandato parlamentar outorgado, por sufrágio popular a um representante que teria supostamente, cometido excessos verbais, seria de esperar-se que os excessos verbais fossem eliminados da vida pública brasileira, com a consequente — e tão necessária — elevação do nível geral da linguagem. Como também seria justo pretender que os que reivindicam respeito à dignidade de sua corporação, demonstrassem respeito pela população que sofre, labuta, paga impostos e forma a renda nacional, nela incluindo-se sua metade feminina. Centro da Mulher Brasileira/Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro/Grupo Feminista do Rio/Sociedade Brasil — Mulher — RJ

Feminismo na SBPC

A mulher faz parte dos temas a serem discutidos na 32ª reunião anual da SBPC, que este ano vai se realizar no Rio de Janeiro. É a seguinte a programação: 1º Sexualidade-Mulher um Ser violado, 2º Mulher-educação para submissão, 3º Mulher e os meios de comunicação, 4º A questão da Mulher na Reprodução da Força de Trabalho, 5º Debate Coordenado - Feminismo como Projeto de Liberação. As mesas redondas e painéis relativos ao tema mulher estão sob a coordenação de pesquisadores sobre o assunto.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE SÃO PAULO*

Data: *17/07/80*

Pág. *—*

Pasta n.º *—*

N.º do recorte *—*

Moradores vão

a Prefeitura

F/SP 17/7/80
pedir creches

Cerca de 200 moradores do bairro de Figueira Grande, em Santo Amaro, concentraram-se defronte ao gabinete do prefeito Reinaldo de Barros, ontem cedo, no Ibirapuera, para reivindicar a instalação de creches diretas na região.

Recebidos pelo secretário dos Negócios Internos, Tufic Jubran, no salão de reuniões, os moradores, com faixas e cartazes, afirmaram que não deixariam o local enquanto não fossem recebidos pelo prefeito (que, em seu gabinete, assinava o decreto de simplificação do habeas-se) e que o sr. Reinaldo de Barros promettesse que as creches que estão sendo construídas na área sejam diretas, ou seja, operadas pela Prefeitura.

Durante muito tempo, Tufic Jubran tentou explicar — e convencer — aos moradores que as creches indiretas — operadas por entidades ou moradores do bairro — só seriam instituídas onde houver condições para isso. Os manifestantes, acompanhados de dois deputados e um vereador, só aceitaram as alegações quando a promessa foi feita pelo próprio prefeito, que chegou às 11h30.

Segundo o prefeito, "você podem ficar tranquilos que as creches serão diretas: construídas e operadas por nós".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA PAZ*

Data: *18/07/80*

Pág. *—*

Pasta n.º *—*

N.º do recorte *—*

Prefeitura entregará mais duas creches a favelados

A Prefeitura entregará segunda-feira próxima à população favelada, através da Coordenação de Bem-Estar Social -- Cobes, mais duas creches: uma no Jardim São Jorge (AR do Butantã) e outra no Jardim São Savério (AR do Ipiranga). Ainda este mês, no dia 28, serão inauguradas outras unidades, nas favelas de Lauzanne Paulista (Santana), Jardim Daisy (Santana), Jardim D'Abril (Butantã) e Jardim Sandra (Campo Limpo). Outras duas serão entregues no dia 4 de agosto: no Jardim Robru (AR de São Miguel Paulista -- Ermelino Matarazzo) e no Jardim Eliane (AR de Itaquera -- Gualanases).

Até o fim do ano, mais 15 creches serão inauguradas, atendendo a favelas situadas em todas as regiões administrativas do município. Além dessas unidades, a Prefeitura já está construindo 66 outras, fora de favelas.

bem como 50 creches que estão com as obras contratadas.

Núcleos.

As creches que o município está construindo junto a favelas têm capacidade para 46 crianças cada uma e destinam-se a abrigar filhos de famílias pobres (de zero a dois salários mínimos). Essas unidades, que constituem o módulo inicial dos núcleos comunitários que estão sendo implantados nas favelas da Capital, têm por objetivo oferecer àquelas comunidades carentes um equipamento de uso múltiplo.

Ali se desenvolverão atividades ligadas aos clubes de mães, Mobral, Orientação Sócio-Educativa do Menor -- Osem, Cursos de Formação Rápida de Mão-de-Obra -- Fornô, servindo ainda como local de reunião de moradores.

Os núcleos são padronizados com 160 metros quadrados de área construída.

F. Tardil

18/7/80

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOSTA-SFALDO*Data: *18.07.50*Pág. *1*

Pasta n.º

N.º do recorte

Duas creches para favelas

A Prefeitura vai entregar, segunda-feira, duas creches nas favelas do Jardim São Jorge (AR do Butantã) e do Jardim São Savério. No dia 28, serão inauguradas creches nas favelas de Lausane Paulista e Jardim Daise (Santana), Jardim D'Abril (Butantã) e Jardim Sandra (Campo Limpo). No dia 4 de agosto, no Jardim Robru (AR de São Miguel) e no Jardim Eliane (AR de Itaquera-Gualanases).

F/SP 18/7/50
Essas creches têm capacidade para 46 crianças cada e vão abrigar os filhos de famílias com renda até 2 salários-mínimos. Segundo a Coordenadoria do Bem-Estar Social, nas creches serão desenvolvidas atividades ligadas a clubes de mães, Mobral, orientação ao menor, e ministrados cursos de formação rápida de mão-de-obra. Servirão ainda como local de reunião para os moradores.

As creches são padronizadas, com 160 metros quadrados de construção. Têm três salas grandes, dois banheiros, cozinha, lavanderia, despensa e galpão para recreação.

Creche incompleta será inaugurada em favela

Embora não saibam dizer qual a finalidade de uma creche, os moradores do Jardim São Jorge, com cerca de mil barracos, na Administração Regional do Butantã, esperam com ansiedade a inauguração, amanhã, da primeira das oito unidades que a Prefeitura pretende instalar em favelas até o início de agosto. Como as outras, essa creche atenderá a crianças entre um e sete anos, de famílias com renda até dois salários mínimos.

ESP 20/7/80
Ainda incompleta, a creche da favela São Jorge, como as outras unidades, ocupa uma área de 160 metros quadrados, com três salas e dois banheiros, além de cozinha, lavanderia e despensa. Também está prevista a construção de um galpão de recreação, ainda não instalado na creche da favela São Jorge, que ontem recebia os últimos retoques, como pavimentação de um acesso até a entrada principal. E a Prefeitura não utilizou até agora o amplo terreno que rodeia a escola, que não conta com os tradicionais brinquedos encontrados em parques infantis, ou mesmo árvores.

EXPECTATIVA

Pouco preocupados com isso, os moradores da favela, em geral migrantes nordestinos, sem instrução, esperam com expectativa a inauguração dessa unidade, especialmente as mulheres, que agora terão um lugar para deixar os filhos enquanto trabalham.

É essa possibilidade que anima Valdomira Verde Matos, três filhos, moradora do barraco 16, instalado ao lado de um córrego poluído. Para ela, a creche "é uma ajuda que estão dando para nós, não tem coisa melhor". Valdomira fala também da oportunidade de poder deixar os filhos na escola enquanto trabalha como doméstica e que, assim, eles poderão estudar. Mas apesar de todos os seus planos, ainda não inscreveu as crianças, simplesmente porque nenhuma delas tem qualquer documento. Sua vizinha, Angela Silva Alvarenga, nunca viu uma creche, além daquela instalada na favela São Jorge, e sabe apenas que ali seus filhos irão estudar, aprender a ler e escrever: "Eu sempre morei na roça, indo de um lugar para outro, nunca coloquei meus filhos em creche e só alguns estudaram".

Mas, nem todos os moradores da favela São Jorge estão interessados em antecipar a ida de seus filhos para a escola. Marinaiva Rei da Paixão já decidiu que enquanto seus três filhos não atingirem a idade de frequentar o grupo, próximo à favela, ela não se separará

deles. Ela nunca viu uma creche, também não conhece todas as atividades que são desenvolvidas ali para as mães e suas crianças, mas já decidiu: "não gosto, tenho dó de ficar longe dos meus filhos e meu marido não quer, ele já disse que, como eu não trabalho, posso ficar com as crianças".

NOVOS ADEPTOS

Mas Odete Fernandes de Oliveira, mãe de cinco filhos, trabalhando todo o dia como faxineira, gostaria de inscrever um de seus filhos na creche, mas, afirma, "se eu fizer isso, a maior ficará sozinha em casa e não terá ajuda para olhar os outros dois".

Devido a proximidade da data de inauguração, as assistentes sociais da Prefeitura intensificaram suas visitas, às famílias da favela São Jorge, procurando ganhar novos adeptos à creche. Mas, algumas dúvidas ainda não foram esclarecidas. Severino Gomes de Souza, sem emprego fixo, pai de nove filhos, não sabe, por exemplo, porque algumas das crianças devem ser inscritas no grupo enquanto apenas os menores de sete anos têm licença para frequentar a creche.

Futuramente, nas creches padronizadas instaladas pela Prefeitura nas favelas, serão desenvolvidos cursos de formação de mão-de-obra, do Mobral e clubes de mães.

Creche do Jardim São Savério começa a funcionar hoje

Depois de quase oito anos de reivindicações e promessas, os favelados do Jardim São Savério, no Ipiranga, contam a partir de hoje com uma creche, construída pela Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes), órgão da Prefeitura.

Teresa Castro de Oliveira Silva, mãe de quatro filhos e que há dez anos trabalha fora para auxiliar no orçamento, levou a caçula, uma menina de pouco mais de dois meses, para passar o dia na creche, mesmo sabendo que o atendimento só começaria hoje. Segundo disse, sabia que "o pessoal não recusaria a criança, porque me considero uma das responsáveis pelo que foi dito aqui. Lutamos muito e hoje o núcleo é uma realidade". Diariamente, exceto aos sábados e domingos, 36 crianças serão recebidas a partir das 6h30 e ali permanecerão até às 18 horas, enquanto suas mães trabalham.

A administradora do núcleo, Carmem Lúcia Okabayashi, disse que "as creches estão sendo construídas para atender especificamente às mães que trabalham fora e cuja renda familiar não seja superior à dois salários mínimos", acrescentando que "há casos de mães que matricularam seus filhos mesmo sem trabalhar fora, garantindo, porém, que arrumarão emprego o mais rápido possível". Segundo Carmem, poderão ser atendidas 45 crianças. No entanto, foram aceitas inicialmente 36, pois "entendemos que é sempre bom começar com uma margem disponível de vagas, e depois completar a capacidade ou até com um número um pouco maior".

Informou ainda que haverá oito pagens, uma auxiliar de enfermagem, uma professora, uma faxineira, uma cozinheira e uma lactarista para atender às crianças, na faixa etária de 3 meses a 3 anos.

O Núcleo Comunitário do Jardim São Jorge, no Butantã, começará a funcionar no próximo dia 30, conforme garantiu a administradora. Segundo ela, haverá inauguração oficial, no próximo domingo às 17 horas, pela comunidade local e alguns representantes da Supervisão Regional do Serviço Social.



O campo da política
para Hannah Arendt
não é nem o da
razão pura nem o
da razão-prática
a liberdade é o
motivo pelo qual os
homens convivem
politicamente
organizados.

O sonho de Hannah Arendt, tão belo e tão inacessível.

Gérard Lebrun

Celso Lafer, introduzindo *Between the Past and the Future*, teve o mérito de dar a conhecer Hannah Arendt a um público maior que o dos especialistas em filosofia política. E a recente publicação de sua coletânea de ensaios *Hannah Arendt — Pensamento, Persuasão e Poder* (1) chama de novo nossa atenção para um dos primeiros pensadores políticos dos tempos atuais. Atenção, mas sem beatice, para com aquela de quem foi aluno — elogio, mas sem adulação: este pequeno livro é de bom gosto e suficientemente sugestivo para levar o público a ler ou reler Hannah Arendt. Ele reforçará nossa admiração por ela, mesmo que essa admiração se misture a uma certa perplexidade diante de sua obra. Como é meu caso. E principalmente quando tento seguir um dos fios condutores que nos indica Celso Lafer: o pensamento da liberdade como “razão de ser da política”.

Que a liberdade não tenha senão uma relação negativa com a política é o que acreditam todos os que, simplesmente ou sobretudo, esperam do poder político que preserve nossas liberdades (de propriedade, de culto, de ir e vir, etc...). Que o poder nos deixe o máximo de liberdades apolíticas, tal é o desejo mais ardente dos “liberais” impenitentes que nós somos (acima, sem dúvida, de um grau mínimo de riqueza). Notem que o “nós”, aqui, é apenas retórico, pois inumeráveis são os “liberais” que se ignoram como tal: conheço muita gente, no Brasil e fora dele, que pensa conforme Marx e vive segundo Guizot.

Em todo caso, este “credo” do liberal clássico, Hannah Arendt o julga derrisório. Não é verdade, diz ela, que a liberdade seja um ideal alheio à esfera política; não é verdade que ela esteja alojada dentro de nós. Historicamente, o contrário é que é verdade. A liberdade para os gregos do século IV era um conceito político e não filosófico.

A liberdade como um atributo de minha vontade não passou de um achado genial de Agostinho, bispo de Hipona. E a idéia de “liberdade”, em função da qual vivemos ainda, poderia bem ser um estratagema teológico disfarçado de dado da natureza humana.

Sem livre arbítrio

Libertemo-nos pois, por um instante, se possível, de nossa formação romana e cristã. Voltemos pelo pensamento a esses tempos de inocência em que Sêneca não havia ainda inventado o conceito de voluntas — em que Santo Agostinho não havia ainda decidido que “querer e poder não são a mesma coisa” (2). Nesses tempos, os homens não suspeitavam de que eram detentores de um “livre-arbítrio” e, por conseguinte, responsáveis por sua salvação ou condenação... Evoquemos esses tempos em que a liberdade não havia ainda sido interiorizada: “Antes que se tornasse um atributo do pensamento ou uma qualidade da vontade, a liberdade era entendida como o estado do homem livre, que o capacitava a mover-se, a afastar-se de casa, a sair para o mundo e a encontrar-se com outras pessoas em palavras e ações” (3).

Foram com os estoicos que a “liberdade” deixou de ser um estatuto social. A partir de então, ela passou a ser um poder de escolha “por aqueles que não possuíam um lugar próprio no mundo e que careciam portanto de uma condição mundana...” (4). Quem são esses? Epicteto, o escravo, Sêneca, o súdito de Nero... Para Hannah Arendt, como para Hegel, parece que o estoicismo foi antes de tudo um abrigo contra as intempéries históricas, uma receita para “viver como se quer” em meio à adversidade. Mas esta fórmula “viver como se quer” já não está decadente? “Fazer o que se deseja” não era justamente para os filósofos gregos clássicos uma definição aberrante da liberdade?

Temo que Hannah Arendt aqui acabe tomando uma distância excessiva em relação aos textos. Na passagem da Política que ela menciona, Aristóteles, citando Eurípides, atribui aos insensatos o projeto de “ir onde seu desejo os conduz”.

Esse não é absolutamente, mesmo de forma literal, o ideal formulado por Epicteto quando ele escreve que “livre é aquele que vive como quer ou, ainda: “livre é aquele a quem tudo acontece conforme sua escolha” (5). É verdade que Epicteto quer dizer que cabe a mim levar uma vida que será isenta de todo fracasso e de toda frustração, e tal que não mais teria de temer “os ladrões e os tiranos”. Mas trata-se de assumir uma atitude tal que, seja o que for que me acontecer, o acontecimento, em lugar de me encontrar passivo, será incorporado à minha ação. O que não tem nada a ver com uma conduta de resignação e de refúgio em si mesmo, como poderia sugerir a leitura de H. Arendt. (p. 193).

A dialética do estoicismo é a seguinte: só será vulnerável à pressão do tirano o insensato que não distinguiu o que está e o que não está em seu poder. Pois, em realidade, “não é esta ameaça que exerce sobre ti uma pressão, mas a opinião de que tal ato é preferível à morte. É pois teu julgamento que te constrange”... Não a visão do carrasco, que nada pode contra tua liberdade, mas tua opinião equivocada. Uma vez consciente disso, tu estarás ao abrigo do tirano, isto é, na medida de desafiá-lo. Onde está a “resignação”? Se eu prefiro a morte à abjeção, eu consinto, é verdade, ao acontecimento fatal, mas por isso mesmo, justamente, eu faço desse acontecimento um tema de minha ação; eu mostro que não sou de maneira nenhuma o brinquedo das circunstâncias; eu mostro que sou livre. Da cidade antiga, Epicteto nos transporta a Mortos sem Sepultura — ou ao Palácio de La Moneda de Santiago, no dia em que Allende ali escolheu a morte. De maneira estoica, e não de forma resignada.

O querer tirânico

Ora, desta fórmula da liberdade, H. Arendt não poderia fazer grande caso. E isso por duas razões. Em primeiro lugar, como chamar livre um querer que adere ao encadeamento do Destino? Fora dos casos-limite, a liberdade na ação, responde H. Arendt, é justamente o inverso disso: é um começo absoluto, uma reviravolta imprevisível da ordem cósmica. “Todo ato é... um milagre, isto é, algo que não poderia ser esperado” (p. 218). Deste ponto de vista, o querer estoico não pode passar senão por “uma formulação através da qual fosse possível ser escravo do mundo e ainda assim ser livre” (p. 193).

Em segundo lugar, e sobretudo, a autonomia do sábio-estoico contém em germe o

que Hannah Arendt toma como a pior deformação da idéia de liberdade. Este sábio, cujo domínio de si mesmo é tão perfeito que o próprio Zeus não saberia lhe ser obstáculo, quem é ele, por definição? Soberano. Eis a grandepalavra que surge — e a liberdade, ao mesmo tempo, identificada à potência. Ora, Hannah Arendt desconfia de todo pensamento que faz da liberdade um atributo do querer, uma figura do poder. O que nasce no retrato do sábio estóico é a idéia (antiaristotélica) de um poder superior ao ato, isto é, um poder que se mantém inalterável através de todos os meus atos possíveis, através de todos os acontecimentos que eu assumo (6).

Idéia que pode parecer futilmente metafísica — e que, entretanto, está na raiz da filosofia política moderna. O que Leo Strauss viu muito bem quando observou que o conceito de poder, em Hobbes, é o indicador de uma "indiferença relativamente ao ato, isto é, relativamente aos fins pelos quais o poder físico (potentia) ou legal (potestas) do homem é ou deve ser mobilizado" (7). Assim, a partir de Hobbes, "o poder, e não os fins para os quais ele é ou deve ser utilizado, torna-se o tema central da reflexão política..." Eis muito exatamente, me parece, a posição que recusa Hannah Arendt: "Os homens desejam ser livres, e é precisamente à soberania que devem renunciar" (p. 213).

E que a liberdade é uma coisa muito diferente da soberania. Ela é invenção, "virtuosismo", réplica feliz aos acasos da vida, enquanto o "querer" não é senão tirânico. Assim, nenhum contra-senso poderia ser mais funesto, segundo Hannah Arendt, do que a liberdade disfarçada de poder (poder sobre si mesmo ou poder sobre outro). Entretanto, é o que fizeram os filósofos: eles não se interessaram pela liberdade senão quando ela não foi mais "vivenciada no agir", mas, sim, "no querer" (p. 211), quando ela se tornou livre arbitrio... A ponto de o próprio Kant, identificando razão prática e vontade, não ter notado quanto é estranho "que a faculdade de vontade, cuja atividade essencial consiste em impor e mandar, seja quem deva abrigar a liberdade" (p. 190).

Pequenos burgueses

Por que, então, os filósofos traduziram liberdade por livre arbitrio? E antes de tudo porque eles analisaram a ação como a de um agente por princípio isolado e a submeteram assim a uma legislação para solitários — como se agir não fosse, em princípio, agir em comum... Veja-se, por exemplo, Kant. Ele garante ser o primeiro que reconheceu a especificidade da prática. Mas qual é, segundo ele, a regra desta prática? Qual é, segundo ele, a regra da ação? E o imperativo, isto é, a injunção de continuar-se sempre de acordo consigo mesmo enquanto sujeito universal. Ora, trata-se somente e sobretudo, quando se age, de ficar de acordo consigo mesmo? O acordo consigo mesmo é sem dúvida a condição do raciocínio justo, mas, no domínio prático, é a concordância com outrem que é preciso a princípio procurar. Aí está por que, como observa Celso Lafer, o campo da política, conforme H. Arendt, não é nem o da razão pura (Platão) nem o da razão prática (Kant). Aquele que permanece nesta alternativa não se representará jamais o agir em sua especificidade política; não verá que o essencial é o fato de que eu ajo entre os outros e com os outros. Não é de se surpreender, pois, que a essência do político foi perdida de vista desde a Antiguidade. Há um vínculo entre a morte da Cidade, comunidade dos

homens livres, e o nascimento da "liberdade" entendida como apanágio da "vontade" individual.

Desse desconhecimento do político, um dos melhores indícios é a importância que dão os modernos ao conceito de soberania. A constituição de uma comunidade política é assim resumida na solução do seguinte problema: como transformar os homens em súditos obedientes? E o político, desde então, é concebido seja sob a égide da Verdade que se impõe (o Estado hegeliano) seja como um campo de forças que uma força superior deve dominar (o Leviatã de Hobbes)... Essas duas concepções têm ao menos em comum o objetivo de neutralizar ou de superar a anarquia de princípio da sociedade civil. Vale dizer que ambas supõem a negação radical da Cidade (polis). A possibilidade de nela haver ainda um espaço público onde os homens tentem convencer uns aos outros, de aplainar suas divergências, de decidir em comum, esta idéia não é levada mais a sério (mesmo por Rousseau). Supondo-se que esta comunidade um dia tenha existido, ela não voltará mais: tal foi uma das convicções essenciais de Hobbes (daí seu desprezo por Aristóteles). Essa foi também a convicção de Hegel, que abandonou suas ilusões "helenizantes" da juventude. E, sobre essa base, o pensamento moderno iria naturalmente acomodar-se com o confisco do domínio político pelo despotismo — despotismo da Verdade ou despotismo da Soberania. Ou foi a verdade que criou a lei ou foi a lei que criou a verdade, mas, nos dois casos, entende-se que estabelecer a estrutura política não é mais do que justificar a obediência dos cidadãos.

Quem seguir Hannah Arendt até este ponto ficará sem dúvida impressionado com

o radicalismo de sua colocação: sob essa luz "libertária", é toda a concepção que faz o Ocidente moderno da "res pública" que vacila. Esquecidos da Antiguidade, somos todos "pequenos burgueses"... Essa grande dama weimariana teria pensado, ela também, "a golpes de martelo"?

Mas tendo em vista que tipo de subversão esta crítica se coloca? A serviço de que esta arqueologia corrosiva? É quando tenta dar um conteúdo positivo à "vida ativa" que perdemos que Hannah Arendt me desconcerta. Assim, quando Celso Lafer nota que ela "vê (a liberdade) como forma de ação que se dá na pluralidade do espaço público da palavra e da ação, como fruto da criatividade original de cada ser humano" (p. 52), não consigo imaginar a cena nem o cenário deste "mundo público" ideal. De onde provém, pois, esta minha miopia?

O que perturba é que o contramodelo antigo é perpetuamente contraposto ao modelo da comunidade política moderna. H. Arendt detesta a ideologia que confina a "liberdade" à vida privada e, a partir daí, reduz a instância política a ser apenas o aparelho de proteção da "esfera das necessidades". Mas que visão do político nos propõe ela em troca?... Um domínio onde a preocupação para com a vida perdeu sua validade e deve ceder lugar à preocupação com "a liberdade do mundo". "Em política, não a vida, mas sim o mundo é que está em jogo" (p. 203). Nobres palavras, mas que não impedem o político e o econômico, hoje, de se manterem indissociáveis. Não há programa político que não seja julgado em primeiro lugar sobre a pertinência das soluções econômicas que ele propõe. Não existe mais

um discurso político que possa seriamente convidar os homens a abandonar sua preocupação com a segurança e o bem-estar.

O Ideal da razão

Hannah Arendt se felicita por Montesquieu, em lugar de se contentar com uma idéia abstrata e "voluntarista" da liberdade, vinculá-la a um poder fazer ("poder fazer o que devemos querer"). Mas Montesquieu salienta também que a liberdade política do cidadão equivale à sua "segurança" ou à opinião que ele tem dela. Em outras palavras, Montesquieu está mais próximo de Benjamin Constant que dos antigos. Como falar aos homens de liberdade sem lhes falar de segurança? "Queremos sentir a alegria de viver com segurança", dizia outro dia ao papa o metalúrgico Waldemar Rossi. E esta palavra, para mim, não traduz a exigência de um "pequeno burguês", mas simplesmente a de um cidadão moderno consciente (este texto, de resto, é bastante notável). Podemos criticar as injustiças e as taras do capitalismo; não podemos contestar em sua essência a representação "economista" da cidade que a modernidade forjou nos últimos três séculos. A menos, é claro, que sejamos marcusianos.

Hannah Arendt se guarda de "projetar qualquer espécie de futuro utópico". Mas sua constante colocação em perspectiva do moderno sobre o antigo provoca em seu leitor o sentimento de que o pensamento moderno do político é essencialmente decadente. Se me debruço com atenção sobre os conceitos antigos, diz ela, é para "destilar deles sua primitiva essência, que tão melancolicamente se evadiu das próprias palavras-chave da linguagem política (liberdade e justiça, autoridade e razão, responsabilidade e virtude, poder e glória), deixando atrás de si formas ocas com as quais se dão quase todas as explicações, à revelia da subjacente realidade fenomênica" (p. 41). Estas linhas nostálgicas não nos convidam a desconhecer que Hobbes não fala mais da mesma coisa que Aristóteles? Como poderíamos falar de um poder político gestor e "governamentalizado" (8), utilizando os conceitos que serviam para descrever uma simples "comunidade"? Como, nesses dois contextos, a palavra liberdade poderia guardar qualquer raiz comum?

Não vejo que utilidade poderia ter hoje a referência a um "initium" fundador da cidade, ao menos fora das ideologias totalitárias. E é por isso que acho fraca, no fim das contas, a análise crítica do fenômeno totalitário por Hannah Arendt. Ela abstrai o fato de que o totalitarismo retomou (mesmo que de maneira caricatural) os temas postkantianos de "cidade ética", do "universal concreto", etc... Ela não pergunta por que a razão clássica foi a grande provedora da desrazão ideológica de nosso século. E que a essa razão clássica, Hannah Arendt estava tão ligada quanto continua estando Jürgen Habermas. Dialogar no "espaço público", pensar em comum e se situar cada um no ponto de vista de todos os outros, esses temas kantianos, retomados por eles, bastam para mostrar que as duas obras têm a mesma fonte. Arendt, como Habermas, não nos faz deixar o terreno do universalismo e dos filósofos do sujeito ampliado. Os dois são epígonos do "grande racionalismo".

Mas é de se temer que sejam também testemunhos de sua impotência para fomentar um pensamento político vivo. O belo sonho de uma comunidade transparente, de uma comunicação sem travas, representa mais do que nunca o ideal da razão — não somente inacessível, mas anacrônico. Gostaríamos, sem dúvida, de ser arendtianos (como gostaríamos de levar a sério as homilias do papa). Gostaríamos que a liberdade fosse “o motivo por que os homens convivem politicamente organizados”. Mas como não recuar diante da teleologia idealista que pressupõe essa afirmação? Como não pensar que o homem não se tornará mais (se é que algum dia o foi) o “animal racional” capaz de satisfazer a esse ideal?

Outros serão menos céticos do que eu. Eu quase desejo isso, já que esses serão convencidos sem reservas por Celso Lafer. E estas impressões de leitura tinham antes de tudo o objetivo de manifestar o grande interesse que desperta seu livro.

Notas

- (1) Celso Lafer. Hannah Arendt (Paz e Terra). — Minhas citações de Hannah Arendt foram extraídas de *Entre o Passado e o Futuro* (Perspectiva).
- (2) H. Arendt. *Entre o Passado...* p. 207
- (3) *Ibid.* p. 194
- (4) *Ibid.* p. 192
- (5) Cf Epicteto. *Encontros*. IV, 1 e 1,12
- (6) Cf, sobre este ponto, o livro fundamental de Victor Goldschmidt: *O Sistema Estóico e a Idéia de Tempo*
- (7) Leo Strauss. *Direito Natural e História*. trad. fr. Nathan-Dampierre. p. 208 sq (Plon).
- (8) Sentido que m. Foucault dá a esta palavra em sua *Microfísica do Poder* p. 277 sq. trad. Roberto Machado (Grael).

Mães que trabalham fora

Somente na cidade de São Paulo, aproximadamente 700 mil mães trabalham fora do lar e muitas delas não têm com quem deixar os filhos. Isso fez com que a Prefeitura começasse a construção de creches e cursos de especializações para o adestramento do pessoal atendente. Hoje, já existem 16 creches construídas pela Prefeitura e 13 com as quais são mantidos convênios, onde são ministrados cursos de treinamento permanente.

Além dessas 29 creches, há mais 14 que estão sendo estudadas pela Secretaria do Bem-Estar Social, a fim de conhecer o seu grau de eficiência.

As melhores dotadas receberão auxílio em dinheiro e a ajuda técnica efetiva.

Todas essas creches estão sob a jurisdição da Secretaria do Bem-Estar Social e são administradas por entidades particulares, à exceção da de Guaianases, dirigida pela Prefeitura. A capacidade de atendimento em regime de semi-internato para ambos os sexos é em média de 100 crianças. Algumas delas, porém, têm inscritos 130 meninos e meninas, pois na prática observou-se que nunca vão diariamente todas as crianças matriculadas. Assim, foi ampliada a faixa de inscrição, sem prejuízo do funcionamento normal.

26/07/80

Uma casa onde crianças sorriem

Est. SP. 27/7/80
MAURO CARVALHO DA SILVA

A aparência é de uma casa de bonecas. As camas, bancos, mesas, pias, chuveiros, enfim tudo o que existe ali dentro são quase miniaturas. Trata-se, porém, de uma casa de verdade: a Casa da Criança Irmã Josefa, da Associação Cristã de Amparo à Criança.

Nela, vivem felizes 60 meninas, entre um e oito anos de idade. A maioria foi abandonada, mas há as que são filhas de pais carentes, que as visitam uma vez por mês. Lá, elas são mantidas, alimentadas e recebem todo o tipo de assistência do "vovô" Luiz Mancusi e sua família, que não contam com qualquer ajuda oficial, e só desejam "servir à comunidade".

Esse desejo começou a se concretizar em 1973, quando Luiz Mancusi resolveu realizar o grande sonho da sua vida: construir uma creche para recolher e criar crianças abandonadas, até que elas atinxissem a maioridade, ou mesmo depois de adultas, até conseguirem dar um rumo definitivo à vida.

Reuniu a família e comunicou sua decisão. Todos gostaram e foi, então, criada a Associação Cristã de Amparo à Criança. A ata de fundação tem 150 assinaturas, e 34 delas são de membros da família Mancusi, sendo as restantes de amigos e conhecidos.

O passo seguinte foi a compra de um terreno ingreme na rua Marrey Junior, na Parada Inglesa, zona Norte da cidade. Com a ajuda do genro Antônio Covo e do filho Wagner, ambos engenheiros, foi iniciada a construção de um prédio de quatro andares. A maioria do material foi fornecida pela empresa de materiais de construção, da qual Luiz Mancusi é sócio, juntamente com vários parentes.

Foram anos de sacrifício, mas finalmente em 12 de setembro de 1977, os Mancusi conseguiram realizar o "sonho dourado" da família, inaugurando o prédio. Dias depois João Benedito de Azevedo Marques, então presidente da Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor, ficava surpreso com a visita de Luiz Mancusi que queria saber como devia agir para oficializar uma creche e disposto a ir ao Instituto Sampaio Vianna (onde ficam os bebês abandonados e menores carentes a cargo da Febem) para buscar as três crianças que a creche abrigou inicialmente, mas sem receber nenhuma ajuda financeira da Febem, através do convênio firmado.

Hoje, a creche abriga 60 crianças, divididas em grupos de 15, obedecendo quatro faixas etárias: de um ano até três, três aos quatro, quatro aos seis e dos seis aos oito anos. Estas últimas, já em idade escolar, estão frequentando o pré da E. M. "Maximo de Moura Santos" e o 1º grau da E. E. "Luiz

Biazi". Todas guardam em seus guarda-roupas, as malas e lancheiras, juntamente com suas roupas, bem passadas.

As outras são cuidadas por uma terapeuta e duas atendentes, em cada grupo, sendo estimuladas com brinquedos pedagógicos. Há também psicólogas. A "mamãe Wanda", filha do "vovô Luiz", e esposa do "papai Antônio", cuida dos dentes das crianças. Ela é odontopediatra do INPS há 22 anos, mas que está de licença "sem remuneração" há dois anos, só para atender suas pequenas "filhas" na sala de serviço dentário da creche — um dos mais modernos do país — e seu primeiro "consultório particular".

O atendimento médico das meninas é feito pelo doutor Fábio, sobrinho de Luiz Mancusi, e, atualmente, todo serviço prestado às crianças é coordenado por Roxane Covo, neta de Luiz Mancusi, e terceiranista de Assistência Social, da PUC. Mas o trabalho da família não pára por aí, pois José Roberto Mancusi, sobrinho de Luiz, é o tesoureiro; Antônio Covo, superintendente; Wanda Mancusi, vice-presidente; e Luiz Mancusi, presidente.

Mas há também amigos e conhecidos que realizam trabalho voluntário; enquanto algumas senhoras consertam as roupas das crianças ou fazem pijamas de flanela, outras colaboram na limpeza ou na lavanderia. Mas há também uma recreacionista, que todos os domingos dá sua colaboração, ensinando as crianças a nadar na piscina da creche e a fazer ginástica, enquanto o Restaurante Gouveia oferece, no último domingo de cada mês, um almoço beneficente.

Mas os gastos maiores ficam por conta da família Mancusi, já que cada criança custa à instituição Cr\$ 6 mil por mês — só a folha de pagamento de 44 funcionários fica em Cr\$ 240 mil mensais.

Luiz Mancusi não quer nenhuma ajuda governamental. A única coisa que ele deseja é que o quadro de sócios aumente "umas três vezes", o mesmo acontecendo com o valor das doações, pois atualmente elas permitem uma arrecadação de apenas Cr\$ 60 mil por mês.

mulheres

Empregadas Domésticas

Assalariadas ou servas?

Por Elizabeth Souza Lobo

Pelos cálculos baseados no censo de 1970, as domésticas são 30% da população economicamente ativa feminina. É, portanto a profissão que concentra o maior número de mulheres.

Elas vem, em geral, do campo para a cidade. Deixaram há pouco a enxada ou combinam a colheita com a cozinha conforme as estações.

Realidade do sistema capitalista periférico, elas são no imaginário burguês uma das representações da mulher na família; a outra é a da dona de casa. Polos inseparáveis porque é entre nós que se opera a divisão das tarefas que concernem o corpo e a carne.

Interrogar-se sobre o lugar das empregadas domésticas é perguntar em que limitados espaços elas tem o direito de existir... Face à opressão que elas sofrem somos tentados a pensar em revolta, organização coletiva. Mas elas não são nem revoltadas, nem militantes. E por paradoxal que pareça encontram muitas vezes sua razão de ser naquilo que as aliena: os códigos burgueses, o comportamento das patroas.

Em cada uma de nós coexiste a empregada e a mãe. E se é certo que não se poderá falar de liberação da mulher enquanto não fizermos a arqueologia da dona de casa e da mãe de família em todos os pequenos papéis de que foram investidas, enquanto não exorcismos o fantasma da serva devotada que há em nós, também é certo que nossa liberação supõe a liberação da empregada que fica em casa, em nosso lugar.

Júlia e Laurinda, da Associação das Domésticas de São Paulo falam aqui, por elas.

A paciência de Júlia

Júlia da Silva Pimentel veio de Catanduva para São Paulo há 20 anos. "Prá melhorar a vida e ajudar um pouco mais a família." A irmã já morava na capital. Júlia chegou e no dia seguinte comprou um jornal para procurar emprego de doméstica. Esta é até hoje sua profissão. Acha que teve sorte: sempre teve férias e mudou de casa quando não gostava do serviço.

Júlia fazia parte de um movimento de paróquia. Um dia uma amiga que encontrava na missa levou-a à Associação das Empregadas Domésticas. Júlia gostou, ficou sócia e dois anos depois já estava na diretoria. "Agora", diz ela, "é hora de dar lugar para outra".

Laurentina é malcriada?

Laurentina veio em 62 de Goiás. Ia para Aparecida do Norte mas foi ficando. "Era muito bobinha do interior e não conhecia seus direitos", diz ela. Uma dia brigou com a patroa e quase teve que voltar. "Mas eu consegui me aguentar. Saí de lá nervosa. Até hoje tenho raiva daquele pedaço de rua."

Laurentina conheceu Júlia na Igreja. "A gente reunia na sala, da Igreja, discutia, visitava favela, aprendia. Um dia veio uma socióloga conversar

com a gente. Era uma pessoa muito sabida. Foi numa época quando houve todas aquelas prisões de Padres, aquela coisara. E naquele domingo o pessoal discutiu muito e aprofundou muito. Uma moça achou que a socióloga ia levar as empregadas no mau caminho. Mas ela não falou nada demais. Falou só que o Silvio Santos ficou rico. E o resto do pessoal foi falando de um e outro que também ficou rico. Decidiram terminar com as palestras. Fomos expulsas da Igreja porque éramos "comunistas" e o padre que dava apoio as domésticas se mandou. Foi até bom. Assim a gente resolveu procurar a Associação."

A Associação das Domésticas

A Associação Profissional dos Empregados Domésticos de São Paulo foi fundada em 1962. São 1700 inscritas e umas 200 associadas que frequentam regularmente a sede da Av. Sto. Amaro, 1662. A Associação promove cursos, informa as domésticas sobre seus direitos, publica um jornalzinho: *Domésticas é notícia*. Tem também um departamento de colocação que é uma fonte de renda. "Mas isto aqui não é uma agência", diz Júlia.

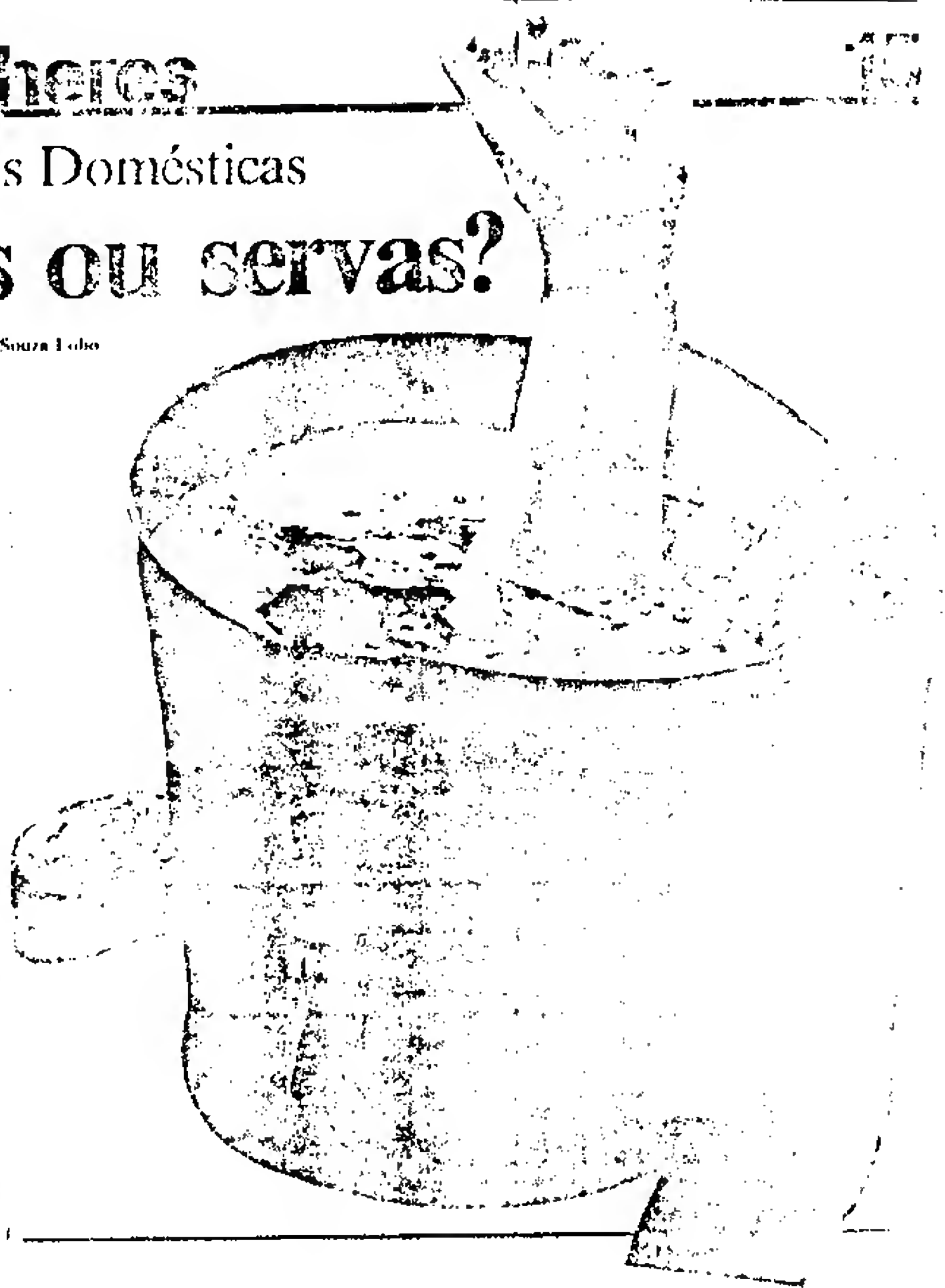
Júlia não sabe quantas domésticas há em São Paulo. "Mas esta nossa profissão não acaba. Sempre está chegando gente da Bahia, de Minas. O pessoal moço logo procura outra profissão, porque tem gente que tem vergonha de se registrar como doméstica. Mas muitas se arrependem quando vão para as fáblicas. Porque se gasta muito com condução e roupa."

Na Associação, muitas não vem porque a patroa não gosta. A empregada fica muito sabidinha, diz Laurentina. Mas a sede abre todos os domingos. "Tem muita gente que tem folga e não tem onde ir porque não tem família em São Paulo."

O que elas querem

"A gente precisa ser reconhecida como profissão, ter horário de trabalho, 13º salário, fundo de garantia, descanso semanal remunerado. Júlia e Laurentina denunciam. "Tem gente que trabalha sábado e domingo e só sai depois do almoço, tem gente que ganha pouco. Outras só podem ir dormir depois que terminam as festas dos patrões. E levantam quando o galo canta, diz Laurentina. Júlia acrescenta: "Falta diálogo com as patroas. E os arquitetos fazem os nossos quartos tão pequenos!"

Laurentina diz que não adianta brigar e fazer desaforo. Mas é preciso conhecer os seus direitos. Os direitos? Quais são os magros direitos de uma doméstica? - Férias remuneradas de 20 dias; - Inscrição no INPS (a patroa paga 8% sobre o salário mínimo e a empregada 8%); - Aposentadoria depois de 60 anos se tiver mais de 5 anos de inscrição no INPS para ganhar salário mínimo. - As diaristas também podem se inscrever no INPS. "Mas antes tem que fazer registro na prefeitura, levar nota fiscal para a patroa. E depois contratar um contador porque ninguém consegue fazer as contas, diz Júlia. - "E as patroas não assinam a carteira", diz Laurentina. "A gente precisa estar sempre cutucando. A patroa para assinar, os ministros para melhorar a nossa situação."



Protesto contra o Diário Popular de S.P.

Aqui o abaixo-assinado enviado à imprensa pelas mulheres que trabalham na Editora Abril e pela Associação das Mulheres, e que já conta com cerca de 400 assinaturas em São Paulo.

"NÃO SEI POR QUE MINHA MULHER NÃO GOSTA DOS CLASSIFICADOS DO DIÁRIO POPULAR... ATÉ MINHA SECRETÁRIA EU CONSEGUI ATRAVÉS DOS CLASSIFICADOS. ACHO QUE VOU ANUNCIAR ELA NOS CLASSIFICADOS..."

Recentemente iniciou-se a veiculação na TV Brasileira de mais um anúncio que, para vender um produto ao mercado consumidor, utiliza a mulher como instrumento. Nos referimos ao anúncio dos classificados do Diário Popular que oferece soluções para quem quer adquirir ou se desfazer de coisas: carro, terrenos, documentos perdidos, cachorros de estimação e... mulheres.

A publicidade não só atinge a mulher na sua totalidade como faz uma alusão clara ao papel da mulher secretária. Tratada até hoje não como profissional, mas como extensão e espelho de seus chefes, a secretária tem sido alvo das mais descaradas concepções machistas que a reduzem a um objeto a ser usado, comprado, substituído ao bel prazer de seus superiores.

ENQUANTO MULHERES E PROFISSIONAIS MANIFESTAMOS NOSSO PROTESTO CONTRA ESTA LAMENTÁVEL UTILIZAÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NA TELEVISÃO."

Nicarágua:

Domésticas reivindicam

A situação das empregadas domésticas não varia muito de país para país na América Latina. Pouca diferença havia por exemplo, entre sua situação na Nicarágua de Somoza ou no Brasil de Figueiredo, com exceção dos grandes centros urbanos como São Paulo e Rio, onde elas começam a se organizar. A Revolução Sandinista no entanto, constituiu uma esperança a exemplo de Cuba onde o trabalho doméstico não mais existe. Veronique Soulé, jornalista francesa, esteve na Nicarágua e nos oferece aqui, um depoimento vivo de uma situação em rápida transformação.

Angela tem 23 anos. Ela trabalha na casa de uma família rica de Manágua, onde foi hóspede durante algum tempo. O proprietário é professor na Universidade Centro Americana, e sua esposa, dona de casa, mãe de duas crianças (4 e 2 anos).

A primeira vez que vi Angela, ela limpava os banheiros, agachada, de pé, agachada. Grávida. De quanto? Mais ou menos oito meses, oito meses e meio, ela não sabia muito bem. Enfim, ela pensava parir brevemente. E de oito horas da manhã a 8 horas da noite, ela não parava - louça, roupa, limpeza... Ao meio dia, ela almoçava, de pé, rapidamente. Eu nunca a vi reclamar nem sentar-se, apesar da sua enorme barriga e das crianças entre suas pernas. Uma folga a cada 15 dias. No sábado à noite, quando os patrões saem, ela dorme na casa com sua filha de um ano, para tomar conta das outras crianças. Angela é solteira. Como milhares de outras mulheres nas suas condições. Os homens fazem filhos e partem. Eles voltam as vezes, bebados, arrependidos, mas as crianças são uma obrigação das mulheres. Angela vive com sua mãe, que toma conta da menina, num bairro miserável de Manágua.

Um belo dia, ela não vem trabalhar. Um dia, dois dias, três dias. Depois ela reaparece. Eu torno a ver, sentada na cadeira do salão, trazendo um pacotinho nos braços. Aproximo-me. Uma cabecinha morena emerge dos panos. É um garoto. Angela pariu há três dias no hospital. Ela

descansou um dia em casa e ei-la de volta: pronta para trabalhar.

No entanto, Angela tem sorte. Ela ganha oitocentas córdobas por mês (uma córdoba: 0,1 dólar) enquanto muitas empregadas domésticas ganham menos que a metade. Sua patroa é gentil, exigente, mas não altiva: ela discute, às vezes até trabalha com ela... quando não faz compras ou quando não recebe sua mãe, à tarde.

Após a vitória da insurreição na Nicarágua, a situação das empregadas domésticas melhorou um pouco. Elas são beneficiadas agora com previdência social, como os outros trabalhadores. Foi assim que Angela pode dar à luz no Hospital, gratuitamente, enquanto que sob a ditadura somozista era preciso pagar. As mulheres pobres parem em casa, em condições deploráveis.

As empregadas domésticas são menos numerosas hoje em dia: o país tem necessidade de braços e aquelas que encontram um trabalho produtivo foram embora. Em um grande número de fachadas de casas burguesas lê-se: procura-se empregada doméstica.

Em fevereiro último, foi criado um sindicato de empregadas domésticas, o primeiro que existiu. Imediatamente após a sua fundação, ele apresentou algumas reivindicações ao Governo de Reconstrução Nacional: redução da jornada de trabalho para oito horas, direito de se organizar politicamente e direito de apresentar suas reivindicações de maneira organizada. Teve todo o apoio da junta.

Para a Frente Sandinista de Libertação Nacional, o trabalho doméstico não passa de "desemprego forçado ou camuflado". A medida em que vão aparecendo novas fontes de trabalho, as trabalhadoras domésticas vão, segundo a FSLN, desaparecer e se integrar à população industrial e agrícola. Ao mesmo tempo, para substituir as empregadas domésticas, serviços coletivos de lavanderias, de creches, deverão ser criados.

Este papel se deve em grande parte à Associação de Mulheres Nicaraguenses Luiza Amada Espinoza e ao Ministério do Bem Estar Social.